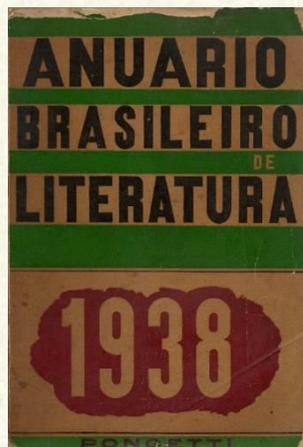


José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

Anuário Brasileiro de Literatura

Literatura Boróra

(Ensaio)
(pag. 41-45)



— Anuário Brasileiro de Literatura, Volume 2, 1938 —
Editora Irmãos Pongetti
Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Literatura Boróra

(Tese)

In: *Anuario brasileiro de literatura*, Rio de Janeiro, Volume 2, Editora Irmãos Pongetti, 1938, p. 41-45.

José de Mesquita

(Presidente da Academia Mato-grossense de Letras)

Ao traçar o diagrama de nossa história literária através de pouco mais de dois centenios, podemos estabelecer, com marcos diferenciais os próprios estágios político-sociais que, nesse lapso de dois séculos, caracterizaram a evolução mato-grossense. Temos assim, primeiramente, a fase dos cronistas, correspondente ao período colonial, que se seguiu ao descobrimento e organização dos primeiros núcleos de população, até pouco depois da constituição da Capitania (1718-1780); a seguir, a era das explorações científicas, que se inicia com a entrada da Comissão de Limites, no governo de Luiz de Albuquerque, e se estende até meados do século seguinte; (1780 a 1870); após a época do romantismo, começada em nosso meio já por volta de 1870 e prolongada até o século atual, quando se abre, em 1910, a última fase, que chamaremos contemporânea, assinalada por uma floração de talentos, marcando tendências dispareas, mas caracterizada por uma salutar reação contra os excessos da escola romântica e marcado pendor pela forma e esmero na vernaculidade.

Bosquejada assim, nas suas linhas gerais, a história da literatura em Mato-Grosso, história que melhor se poderá dizer da nossa evolução mental, pois impossível fora isolar, entre nós, as belas letras propriamente ditas dos ensaios científicos – fácil será

indicar, perfunctoriamente, as influencias exercidas por fatores internos ou externos nas diversas fases da cultura mato-grossense.

O PERÍODO INICIAL

A fase dos cronistas que, como a que se lhe segue, reproduz, no justo conceito de V. Corrêa Filho, “em miniatura, o mesmo fenômeno que se verificou no Brasil”, caracteriza-se por aquele sensível influxo do gongorismo português do século XVII que Mario Lima faz consistir, com muita precisão, no “preciosismo da linguagem” e na “vacuidade de conceitos”, quando se refere às obras dos cronistas primevos de sua terra.

Efetivamente, a leitura desses primeiros documentos de nossa história, que enfeixam cuidadosamente os fatos e eventos mais notáveis dos primitivos povoados mato-grossenses, capacitam-nos desde logo da pouca valia literária de tais trabalhos, que ainda são de louvar-se quando se cifram á narrativa singela dos fatos, não descambando em libelos apaixonados ou mesquinhas bajulações. Nas curiosas descrições de costumes, festas, tradições, combates contra o gentio paiaguá, chegadas de monção, descobertos e outros eventos, que enchem esses épos gloriosos de nossa vida, valem essas crônicas pelas deliciosas e ingênuas narrativas dos aédos e rapsodos helênicos, dos bardos escandinavos, dos *troubadours* populares da velha Provença, em cujas rudes canções os austeros historiógrafos vão muitas vezes procurar as fontes mais seguras para os seus ensaios.

Merecem citados, como obras de maior vulto neste período, a “Relação das povoações De Cuiabá, e Mato-Grosso de seus primeiros até os presentes tempos”, da lavra de Joseph Barbosa de Sá, o primeiro cronista cuiabano, licenciado, falecido a 30 de maio de 1776 e autor também dos “Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais.” o “Compendio histórico cronológico das noticias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato-Grosso”, de Joaquim da Costa e Siqueira, paulistano, vereador que foi do senado da Câmara de Cuiabá, onde faleceu em 1821; as

“Memórias cronológicas da Capitania de Mato-Grosso” de Felipe José Nogueira Coelho, provedor da Fazenda Real e intendente do ouro de Vila-Bela, que se ocupam principalmente do distrito guaporeano; as “Noticias praticas das minas do Cuiabá” de Cabral Camelo e as “Memórias” do P. José Manoel de Siqueira, cuiabano, falecido em 1825, que pertenceu á Academia de Ciências de Lisboa, tendo sido formado em Cânones pela Universidade de Coimbra.

A FASE DAS EXPLORAÇÕES CIENTIFICAS

Si o primeiro se faz notar pela preocupação puramente cronológica do registo dos acontecimentos, em fraseado muitas vezes empolado, com citações clássicas e cheirando a humanismo, o segundo período se caracteriza pelo despertar do espírito investigador deante do enigma da terra imensa, mal povoada, oferecendo vastíssimo campo a estudos e indagações, nos variados ramos dos humanos conhecimentos.

A flora, a fauna, os acidentes geográficos e geológicos, a estatística, a etnografia, os ensaios e reconhecimentos técnicos, forneceram a essa plêiade de sábios que penetraram, entusiasmados ante a sua beleza e pletora de vida, os sertões mato-grossenses, um veeiro de curiosos e variados trabalhos que formam, por assim dizer, o embasamento dos estudos sobre Mato-Grosso e que ainda hoje são procurados e deletrados com prazer por quantos se interessem pelas coisas de nossa terra.

São os pontos culminantes dessa cadeia de inteligências votadas ao exame de nossas coisas, os chamados “predecessores de Rondon”, na feliz denominação de V. Corrêa Filho, que em curioso ensaio lhes fixou as individualidades de eleição — Francisco José de Lacerda e Almeida, paulista, autor do precioso “Diário da viagem que fez desde Vila-Bela, Capital de Mato-Grosso, até a Vila-Praça de Santos”. Antonio Pires da Silva Pontes, mineiro, companheiro do anterior nas jornadas de penosos reconhecimentos pelos sertões oestinos; Ricardo Franco de Almeida Serra, português, em que culminaram qualidades de sábio

e de herói, autor das melhores monografias sobre Mato-Grosso na fase colonial, falecido no Forte de Coimbra, em 21 de janeiro de 1809; Luiz d’Alencourt, também português e militar, autor das preciosas memórias “Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da Província de Mato-Grosso” que compendiam valiosos informes para a reconstrução da vida de Mato-Grosso no período que precede á Independência; Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brasileiro, que em suas variadíssimas memórias muito discorreu acerca de Mato-Grosso na sua zona setentrional; Hercules Florence, da expedição *Langsdorff*, Beaurepaire Rohan, D’Orbigny, Bossi, Castelnau, e tantos outros que assinalam essa época de estudiosos amadores e turistas insignes.

Avulta entre todos, pela sua capacidade de trabalho e pelo seu polimórfico engenho, o bretão Augusto Leverger, Barão de Melgaço, mestre de toda uma geração e padrão vivo de amor e carinho á terra mato-grossense que adotara por sua (1802-1881).

Nota-se nesta fase o ressurgimento do verdadeiro espírito clássico, banidas quase de todo as manifestações gongóricas, e encaminhando-se o estilo para a sobriedade das monografias técnicas.

De feito, as memórias, em geral, são escritas em linguagem tersa, expostas com clareza, a ponto de poderem figurar muitas delas como trabalhos literários, não fora o seu tema de pura especulação científica.

A ÉPOCA DO ROMANTISMO

A escola do romantismo que começou a manifestar-se no Brasil quando, no dizer de Almaquio Diniz, em muitos outros centros civilizados já era clássico, veio a produzir entre nós os seus frutos na época justamente em que, pelo resto do país, os credos parnasianista e simbolista se faziam vitoriosos. Fato é este de fácil explicação, dada a nossa distancia e isolamento em que vivemos, qual o da retardança com que aqui nos chegam os novos ideais artísticos das escolas literárias. Assim é que enquanto, no

Rio e em São Paulo, se fazia sentir a reação acentuada dos “novos” contra a pieguice e a trivialidade em que iam recaindo os românticos, em Cuiabá (e Cuiabá literariamente significava até bem pouco todo o Mato-Grosso), os nossos poetas deferiam a sua lírica singela, docemente inspirados no estro dos vates do romantismo, sobretudo daqueles que José Veríssimo agrupou sob a denominação de “segunda geração romântica”.

O advento do parnasianismo no Brasil ocorreu na década de 1880, com o aparecimento de Bilac e Alberto de Oliveira, sobretudo dos “Sonetos e rimas” deste último. Pois, precisamente por esse tempo, em que a religião de Leconte e Heredia encontrava os mais ferventes adoradores lá fora, é que aqui despertavam, balbuciantes, as primeiras vocações poéticas apreciáveis, filiadas ao padrão de Musset e Vidni, de Casimiro, Varela e Álvares de Azevedo. É nos dois decênios de 1870 a 1890 que a poesia romântica ostenta em Mato-Grosso os seus mais característicos cultores: Amâncio Pulquerio de França (1846-1881) e José Tomaz de Almeida Serra (1869-1889). São eles, por sem dúvida, os corifeus do romantismo cuiabano e, quer pelo mérito ou quantidade dos trabalhos, os que ainda hoje ferem a atenção de quem se disponha a estudar a nossa poesia no seu primeiro grau evolutivo, eis que a forma clássica, anterior ao romantismo, não teve aqui representantes no verso.

Amâncio Pulquerio deixou bagagem muito mais resumida que o seu companheiro, mas os seus trabalhos, conquanto poucos revelam imaginativa e qualidades de forma bem apreciáveis. De José Tomaz, cujo feitio literário, Cesário Neto bem definiu como sendo “mais de um puro elegíaco, de que o de um lírico”, nos resta um volume de cerca de cem produções, algumas reveladoras de excepcionais atributos poéticos.

Em torno a esses dois vultos principais, outros se agrupam, de menor relevo mas que a rigor não merecem esquecidos num conjunto dos nossos valores intelectuais: — José Delfino da Silva, falecido no Rio Grande do Sul, em 1900. Francisco Catarino Teixeira de Brito, que além de poeta foi também pintor delicado, Luiz Teodoro Monteiro, elegíaco, como J. Tomaz, Antonio Corrêa

do Couto, lírico de merecimento, Flávio Crescêncio de Matos, um belo talento, devorado tragicamente pelo Moloch da política sanguinária em 1901, João Marciano Barreto e Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, que primou no gênero satírico.

Entre os estranhos, ligados a Mato-Grosso e que aqui escreveram, podem ser referidos Antonio Gonçalves de Carvalho, rio-grandense do sul, (1844 – ?), autor de “Flor de neve” e delicado tradutor de poetas ingleses; Joaquim José Rodrigues Calhau, baiano, (1885), que deixou uma obra “Harpejos poéticos”, além de muitas produções esparsas pela imprensa; José Ricardo de Ulhôa Cintra, gaúcho, falecido no Diamantino, em plena mocidade, que, conforme o depoimento de Estevão de Mendonça, “deixou como produto do seu estro dois volumes manuscritos de poesias”, infelizmente perdidos.

Na imprensa que, de começo, se limitava a polemicas estéreis de partidarismo, e futilidades da vida social, que Von Dén Steinen criticou com muito chiste, começam a surgir os nomes do P. Ernesto Camilo Barreto, baiano de nascimento, mas ligado a Mato-Grosso por notável carreira dedicada ao magistério, á política e ao jornalismo, Caetano Xavier da Silva Pereira, Aquilino do Amaral, também poeta e tribuno feroso, José da Costa Leite Falcão, causídico de merecimento, além dos já citados Ramiro, Calhau e outros.

A História começa a despertar vocações estimuladas pelo exemplo de Leverger, sobrelevando João Augusto Caldas (1836-1887), cujas obras, infelizmente, em grande parte se extraviaram, restando apenas uma curiosa “Memória sobre os Índios de Mato-Grosso”.

Surgem associações de caráter literário, algumas destinadas a rápido malogro, mas outras conseguindo bela floração e frutecendo em ótimos resultados — como a “Associação Literária Cuiabana”, fundada em 1884 e que só veio a desaparecer inteiramente em 1924. Por outro lado, o ensino recebe propulsão notável, com a criação do Liceu Cuiabano, que, ao lado do Seminário da Conceição, grande serviço veio prestar á mocidade estudiosa.

Os magnos problemas da Abolição e da Republica apaixonam e empolgam os espíritos saturados de liberalismo, que é o romantismo da política. Pela imprensa, os campeões das idéias em voga predicam os seus ensinamentos. Francisco Agostinho Ribeiro, José Barnabé de Mesquita (sênior), Luiz da Costa Ribeiro, P. Francisco Bueno de Sampaio, Caetano de Albuquerque, e outros, são os porta-vozes da geração denotada e brilhante, que precedeu em Mato-Grosso as grandes vitórias nacionais de 1888 e 1889.

Com a República, infelizmente, ao contrário do que era dado esperar, abriu-se a era sangrenta das revoluções e do partidarismo exaltado, constituindo-se verdadeiro hiato em nossa evolução, durante o qual, como é natural, muitas vocações se perderam na esterilidade da politicalha extremada, quando não emudeceram no silencio do ostracismo, do terror ou da morte.

A ÉRA CONTEMPORÂNEA

Pode-se estabelecer como o marco delimitador da nova fase literária em Mato-Grosso o decênio de 1910, em que as letras e a própria imprensa entram a desenvolver-se, com um novo viço e entusiasmo.

O período intermediário, conquanto desfavorável á eclosão de vocações literárias, deixara nomes bastante acatáveis no puro domínio das letras, como Vieira de Almeida, contista delicado e de fino estilo, Frederico Prado, humorista e poeta, Francisco Mariani Vanderlei, o folhetinista exímio e a plêiade de jornalistas que se reuniram no “O Republicano”, em 1891, um dos mais bem feitos jornais que Cuiabá já possuía, e n”O Farol”, órgão de moços, mas de muita criteriosa orientação.

É, porém, com a “Revista Mato-Grosso”, editada pelo Liceu Salesiano “São Gonçalo”, sob a direção do P. Helvécio Gomes de Oliveira, (hoje Arcebispo de Mariana) e depois do P. Francisco de Aquino Corrêa (hoje Arcebispo de Cuiabá) que começam a florar, no cenário das letras, os nomes destinados a

constituir as figuras representativas da atual geração literária. Essa nova geração trazia uma profunda crença no futuro de Mato-Grosso, um culto extremada das suas grandezas, e, quer na lira dos seus poetas, quer nas páginas dos seus prosistas, se afirma uníssona essa visão esperançosa de um porvir alviçareiro para a sua terra. A Noroeste, inaugurada em 1914, si bem que não solucionasse de vez o nosso problema das comunicações, veio, todavia, por assim dizer, revelar ao resto do país esse portentoso Mato-Grosso, cuja zona sul em pouco se povoava e florescia em cidades e vilas, como uma Chanaan maravilhosa de riquezas e possibilidades incomparáveis. Para o sadio e alto regionalismo se orienta, sob a liderança de D. Aquino Corrêa, essa geração saída quase toda dos bancos dos Liceu Salesiano e Cuiabano, e que aprende das lições do cantor da “Terra natal” o culto comovido do passado mato-grossense e da suas luminosas esperanças. De 1910 a 1920 prepara-se a sementeira que havia de abrolhar, logo no meio da década seguinte, já na administração do Bispo-Presidente, nessa associação que é o “Centro Mato-grossense de Letras”, coordenadora e arregimentadora dos valores mais apreciáveis da intelectualidade contemporânea em Mato-Grosso. E tal foi a influencia exercida por essa sociedade, fundada a 22 de maio de 1921, que se pode dizer que a cronologia literária em nosso meio se divide em dois períodos definidos – antes do “Centro” e depois do “Centro”.

Há quase vinte anos, os círculos intelectuais mato-grossenses mantêm, sem a menor solução de continuidade, três sociedades culturais que são: o Instituto Histórico de Mato-Grosso, o Centro Mato-grossense de Letras e o Grêmio Literário Julia Lopes, cuja atuação, refletida pelos seus órgãos de publicidade, tem sido marcante.

O Instituto tem á sua frente o arcebispo D. Aquino e reúne, no seu seio, os nomes mais representativos da sociedade local, na sua maioria especializados em assuntos históricos, dentre os quais os srs. Virgilio Corrêa Filho, Estevão de Mendonça, Barbosa Faria, Filogonio Corrêa, Firmo Rodrigues, Antonio Fernandes e

Feliciano Galdino, mantendo, também um Museu Histórico, onde se encontra precioso arquivo e boa biblioteca.

A Academia, sob a presidência de José de Mesquita, congrega um grupo de escritores, poetas e jornalistas de valor, como seja: José Vilá, Tolentino de Almeida, Cesário Prado, Oscarino Ramos, Alirio de Figueiredo, Lamartine e Francisco Mendes, Isac e Nilo Povoas, Cesário Neto, Ulisses Cuiabano, Generoso Ponce Filho, Vandoni de Barros, Luiz Feitosa, Soter Caio de Araújo, Olegário de Barros, Miguel Melo, Amarilio Novis, Franklin Cassiano, Ana Luiza Bastos, Severino de Queiroz, Rosário Congro, Arnaldo Serra e Benjamin Duarte.

Organizou uma lista de patronos que vem sendo estudados, em conferencias, já atingindo acerca de vinte essas monografias, que serão reunidas em tomo.

Possue uma biblioteca, com perto de dois mil volumes. Concertos, exposições artísticas e recitais são por ela patrocinados frequentemente.

Também o movimento intelectual feminino se faz sentir através do Grêmio Julia Lopes, em cuja presidência se encontra a senhora Maria de Arruda Müller, secundada pelas escritoras Bernardina Rich, Maria Dimpina e Benilde Moura.

Por outro lado, a imprensa se apresenta bastante desenvolvida, contando vários diários em Cuiabá e a Associação Mato-grossense de Imprensa, de que é presidente o jornalista Benjamin Duarte.

Além dessas, muitas outras agremiações de novos vão se fazendo conhecer através de uma forte e constante atuação a prol das letras, v. g. os Grêmios “Álvares de Azevedo” e “José de Mesquita” em Cuiabá e “José de Anchieta” em Campo-Grande.

No sul, merece destaque o esforço dos fundadores da Biblioteca de Campo-Grande e do Gabinete Corumbaense de Leitura. Uma nova e brilhante geração aflora no cenário beletrístico, tendo á sua testa Cecílio Rocha, Iturbides Serra, Lobivar Matos e outros.

Citarei ao correr da pena as seguintes obras mato-grossenses: *D. Aquino Corrêa* — “Odes”, “Terra Natal” e “Discursos”, além de grande numero de publicações, em folhetos, de pastorais, conferencias e trabalhos diversos; *José de Mesquita* — “Poesias”, “Terra do Berço”, “Da Epopéia Mato-grossense”, “A Cavallhada” e “Espelho de Almas” (contos); *Lamartine Mendes* — “Serras e pantanais” e “Águas passadas”; *Alirio de Figueiredo* — “Poesias” e “Poemas e poeira”; *José Raul Vilá* — “Rondônia”; *A. Tolentino de Almeida* — “Ilusões doiradas”, “A retirada da Laguna”, “A Índia Rosa” (poemetos); *Cesário Neto* — “Na pista de Rocinante”; *Nilo Povoas* — “Esboço de História da Literatura Brasileira”, e outros ensaios; *Franklin Cassiano* — “Subsidio para o estudo da Dialectologia”; *G. Ponce Filho* — “D. Aquino Corrêa”, “Por Mato-Grosso na Federação”; *A. Cavalcanti* — “O Tabernáculo” e varias traduções; *Arnaldo Serra* — “Almas penadas” (contos regionais) e “Aromita”; *Soter Caio* — “Extudo”, versos matemáticos; *Luiz Feitosa Rodrigues* — “Inspiração”; *Lobivar Matos* — “Areôtorare” e “Sorobá”; *Severino de Queiroz* — “No caminho do saber” e “O que deve saber”, e outros.

Para encerrar este ligeiro esboço, direi que Mato-Grosso atravessa um período de verdadeira renascença, um movimento sadio de renovação intelectual, que se manifesta nos mais diversos setores em que se desenvolve a sua atividade literária e artística.